

---

# GALERIA TATO

---

Se começamos o programa de formação da Casa Tato 6 com a exposição **Encontros às cegas**, o encerramos com **CARA A CARA**. O que no início do curso habitava um lugar misterioso, tanto para as/os participantes como para o público visitante da galeria, hoje se encontra habitando um lugar conhecido e afetuoso. Estimulada por este afeto e guiada por uma vontade de nos aproximarmos ainda mais da arte produzida por este time de artistas, a curadoria optou por apresentar uma mini entrevista com cada uma/um. Almejando, assim, um processo que nos deixe, mesmo que no campo metafórico, cara a cara com as/os artistas. Deste modo, as entrevistas a seguir apresentam de forma dinâmica uma possibilidade para continuarmos neste encontro prazeroso entre arte e vida.

## **ANA GENTIL**

**Paula Borghi: O que te levou a trabalhar com arte?**

Sempre gostei de desenhar e pintar, um exercício constante que culmina na escolha das Artes Plásticas/Comunicação Visual, com extensão em Licenciatura, a educação sempre me interessou. Dei aulas, trabalhei com design e estamperia, atividades mais seguras financeiramente, mas a vontade de desenhar e pintar ficou mais latente e quando fui morar no Rio de Janeiro, decidi voltar à pintura, desta vez profissionalmente.

**Paula Borghi: A visível em sua trajetória que a pintura lhe é algo muito caro. Como você entende a presença do papel vegetal em suas pinturas? Por que a escolha deste material? O que ele te proporciona? O que mais te fascina em trabalhar com ele?**

A tinta ocupa um espaço importante para mim, a pincelada, as misturas das cores e, ultimamente, novos materiais. Os médiuns trouxeram resultados interessantes para minha pesquisa, especialmente as transparências e nas pinturas sobre papel, veio a vontade de inserir materiais transparentes. O vegetal foi o que mais atendeu por ser translúcido e transparente ao mesmo tempo, traz uma veladura que me interessa, que interfere na percepção da cor nas áreas sobrepostas por ele.

**Maria Eduarda Mota: Além do papel, existe algum outro material que te interesse em explorar nas suas telas?**

Sim, penso em fios e/ou linhas de costura, bordado ou outros, preciso pesquisar mais. As linhas são elementos de interesse no meu trabalho e esses materiais entram complementando a tinta, o grafite.

---

# GALERIA TATO

---

## ANNA GUERRA

**Paula Borghi: O que te levou a trabalhar com arte?**

Minha Mãe. Talvez, seja mesmo ela o alvo do meu pulsar artístico, numa busca incansável pelo seu sorriso e sua admiração. A relação perfeita mãe/filha. A receita da felicidade. Arriscando uma síntese, a palavra mestra diante de minhas obras parece ser "relação", ou melhor, a necessidade incontável de "termos que nos relacionar", apesar das diferenças.

**Paula Borghi: Em muitos de seus trabalhos é possível notar uma corporeidade latente, seja por meio das imagens ou pela própria matéria. Muitas vezes você emana a ideia de corpo por meio da chita e da sugestão de uma silhueta. Como você entende o corpo em sua produção? Seria este um corpo feminino? Por que?**

Procuro transmitir emotividade, expressiva e onírica, e atingir a imaginação do observador. Fascinada pelos temas do nordeste, recordações de uma vida, pinto cenas folclóricas ou de rua onde o ser humano é o centro do tema. Quase sempre foram mulheres, minhas pesquisas não constituem jogos casuais, mas sim uma análise sobre eu mesma e do ambiente em que vivo.

**Maria Eduarda Mota: A sua personalidade e biografia têm influência na produção de trabalhos de grandes dimensões?**

Aqui eu só posso dizer que sim, que é um grito de satisfação e liberdade, como se eu incorporasse todas as mulheres como eu, uma classe, uma tribo. Se eu posso, também pode.

## CLAUDIA COSTA

**Paula Borghi: O que te levou a trabalhar com arte?**

O que me levou a trabalhar com arte foi a vontade de dividir e de compartilhar o que eu produzia muito timidamente, além de contar minha história através dos meus trabalhos e a vontade de me assumir artista. Na infância, demonstrava habilidade para o desenho e paixão pela profusão de cores. A arte entrou na minha vida após decidir não trabalhar mais em ambientes corporativos e junto veio a oportunidade de estudar e adquirir conhecimentos sobre o assunto. Decidi romper com as situações da vida que não atendiam as minhas expectativas e não se adequavam a minha personalidade. A arte, também, me trouxe entendimento de um mundo mais amplo, comunicação com pessoas de universos diferentes e subsídios para compreender e unir a racionalidade com a emoção.

---

# GALERIA TATO

---

**Paula Borghi:** É possível notar uma relação intrínseca entre a performance e a pintura durante seu processo artístico. Entretanto, o que você apresenta ao espectador é a pintura, de forma que não se tem acesso a performance. Ainda assim, os vestígios desta performance estão vivos no gesto que se imprime nas telas. Como você entende esta relação entre pintura e performance?

Concordo e entendo que relacionar a pintura à performance é o que falta para ampliar o entendimento e trazer mais camadas à minha pesquisa e produção, além de ultrapassar o suporte clássico da pintura. Estou estudando projetos e começando a desenvolvê-los, são vídeo-performances e vídeos com meus processos, minhas cores e meus gestos.

**Maria Eduarda Mota:** Qual a maior dificuldade em usar os pés como ferramenta para produzir suas obras?

Minha maior dificuldade é a escolha da tinta, devido ao contato direto com os pés, pois as que tenho utilizado são consideradas tóxicas. Tenho feito contato com pessoas que desenvolvem produtos naturais não-tóxicos, além de estudar meios para produzi-los. Tenho outras dificuldades que são inerentes ao processo e à forma de produzir meus trabalhos, são desafios, e gosto de ser desafiada. Uma dessas dificuldades é retirar a tinta do corpo, mas isso já é uma marca registrada que fica ali após finalizar cada produção. A tinta me lembrando que mais um trabalho foi concluído.

## FEPE CAMARGO

**Paula Borghi:** O que te levou a trabalhar com arte?

É uma resposta complexa. Comecei a pintar com 6 anos de idade, praticamente internando meus pais para frequentar uma aula de pintura para crianças. Sempre foi algo claro na minha vida, trabalhar com criatividade, ainda que não soubesse bem como ou fazendo o que. Sempre houve algo no fundo da minha mente, que ficava criando, observado e formulando ideias que não me davam sossego até colocá-las para fora. Essa necessidade de comunicar que me mantém pirando, pintando e trabalhando.

**Paula Borghi:** Boa parte do processo do seu trabalho se dá por meio das relações que se constroem durante a pesquisa. Você poderia falar um pouco sobre isso? Como se constroem as relações com os modelos? Qual o papel das mídias sociais em seu processo?

O retrato tem um lado físico, e outro, metafísico: capturar mais que somente o corpo, mas o ar e o jeito da pessoa é o mais importante. Busco sempre pintar pessoas diferentes, com histórias diferentes, furar a minha bolha. Para isso, utilizo de chamadas abertas virtuais. Após selecionar os perfis que mais cabem dentro da proposta que quero tratar, faço questionários e entrevistas para trazê-los para um espaço de co-criadores da obra. Como o assunto central da minha

---

# GALERIA TATO

---

obra envolve identidade, grande parte da minha pesquisa, hoje, se dá nas redes sociais e nos avatares virtuais. Qual o papel da arte retrato num mundo onde a *selfie*, o *nude* e o biscoito são descartáveis? Meu trabalho discute como a tecnologia tem modificado como nos vemos e nos comportamos, atualmente.

**Maria Eduarda Mota: Como você entende questões ligadas à sexualidade nas suas aquarelas?**

Sexualidade é a parte central da minha poética. Como homem cisgênero, homossexual, queer, branco e de classe média, entendo que a construção da minha identidade e minha poética vem de um lugar de fala muito claro e específico. Tendo isso em mente, meu trabalho investiga outras formas de ser, de estar, de performar, de amar e se relacionar com a masculinidade, espacialmente, dentro da comunidade LGBTQIAPN+. Em parte, é um posicionamento político, em outra, é uma honra, uma responsabilidade e um tesão em criar e articular saberes sobre minha comunidade e para a mesma, como crítica, como elogio e como documentação poética.

**IVANA PAIM**

**Paula Borghi: O que te levou a trabalhar com arte?**

Duas razões. A primeira foi a alegria da descoberta: trabalhar com arte ou criar um trabalho é como uma aventura, um caminho, cujo o final é sempre incerto, por mais planejado que seja. O resultado pode frustrar ou não, mas traz sempre algo que você não podia imaginar completamente antes de concretizá-lo. A segunda é a satisfação de ver que alguém reagiu ao trabalho. Fico curiosa em saber o que as pessoas sentem ou pensam sobre meus desenhos quando noto que olham para eles com atenção.

**Paula Borghi: Já faz um tempo significativo que você vem trabalhando com cartas, que é um elemento com uma carga simbólica fortíssima. O que elas representam para você? Existe alguma ligação mística, simbólica, biográfica ou conceitual específica com este material? Quais?**

As cartas de baralho podem representar o desejo que o ser humano sempre teve de controlar a própria vida. Vemos isso nos símbolos dos naipes, que se referem a movimentos como os de gastar, armazenar, procriar e morrer. O número treze das cartas de todos os naipes é recorrente em alguns calendários, e nos próprios jogos para ler o destino. Em "Sorte", apresento imagens ligadas aos símbolos do tarô, do horóscopo e de outras mitologias desenhadas em cartas de baralho e entrelaçadas com fio de metal, organizadas de maneira que possam evocar múltiplas narrativas, que vão se delineando e emaranhando como o fio das Moiras, personagens da mitologia grega, responsáveis por tecer o destino.

---

# GALERIA TATO

---

**Maria Eduarda Mota: Qual é a maior dificuldade e a maior facilidade na produção de suas obras?**

A maior dificuldade é saber que decisão tomar para resolver bem a composição, é sempre um desafio. Mas é nesse embate que acabo descobrindo pontos de chegada legais ou novos caminhos que preciso tomar para encontrar a resposta para aquele trabalho. Para mim, facilidade na criação é ter uma questão que ainda me instigue ou me interesse, aí consigo pensar em algum trabalho ou em uma série deles.

**JUSSI SZILÁGYI**

**Paula Borghi: O que te levou a trabalhar com arte?**

A necessidade de me expressar, livremente, sem amarras ou censuras. Explorar o universo mágico das artes sempre me atraiu e, ao mesmo tempo, me afastou por insegurança. Hoje, compreendo que tudo tem o momento certo e aos 38 anos mergulhei de cabeça e não parei até hoje. Viva a arte!

**Paula Borghi: Em muitos de seus trabalhos a combinação intuitiva de formas, linhas e cores acabam por remeter a imagens de mapas mentais. O que estes mapas mentais significam para você? Como eles se constroem?**

A poética do meu trabalho nasce da observação da vida e da natureza como um todo. Estas visualizações reais e imaginárias são guardadas, ordenadamente, dentro de mim em compartimentos que desconheço a real dimensão. Quando inicio novos trabalhos ou penso criativamente em projetos a serem realizados existe um movimento interno inconsciente de processar os dados e coloca-los à minha disposição. Assim surgem os mapas mentais. "Mapas mentais são histórias sem fim que se repetem de formas diferentes". Construo imagens mentais que se constroem e se desconstroem inúmeras vezes até o momento de se concretizarem em algum suporte viável fisicamente, pois na imaginação tudo é mais fácil.

**Maria Eduarda Mota: Como você define a paleta de cor usada em uma obra?**

A paleta de cor surge intuitivamente e varia conforme a época e o trabalho que pretendo realizar (pintura ou desenho). Muitas vezes, parto de uma determinada cor e ao construir a pintura, vou complementando com tintas ou lápis que conversem entre si e me contem mais da obra. Exploro as diversas tonalidades de uma cor, misturando as tintas entre si e no processo surgem novas cores que me ajudam a controlar a luz e a sombra, e os diversos níveis de profundidade até chegar ao resultado final.

---

# GALERIA TATO

---

LEO TEO

**Paula Borghi: O que te levou a trabalhar com arte?**

O interesse pela arte sempre existiu desde a infância. Amava criar e construir coisas no lego e ficava horas intermináveis curtindo essa brincadeira solitária, mas com infinitudes de opções lúdicas. A permanência desse olhar criativo me levou a ser arquiteto e o curso me deixou ainda mais ligado ao mundo das artes. Em 2021, durante a pandemia, resolvi dar voz definitiva para esse olhar criativo e me direcionei, completamente, a este mundo fascinante.

**Paula Borghi: A diversidade entre materiais, cores e formas é algo que pulsa em sua produção, do mesmo modo que há uma ousadia no modo em que você os combina. Você poderia falar como que se dá a escolha dos materiais, das cores e formas durante seu processo artístico. É possível afirmar que estes elementos se atraem por oposição?**

A minha formação acadêmica em arquitetura tem influência direta na forma em que as obras são criadas. Tudo começa no computador e lá são definidas as formas, as cores e as proporções. A facilidade de testar tamanhos, combinações e contrastes no computador, sempre foi uma maneira mais “produtiva” para mim e, assim, tenho feito desde o começo. Na verdade, encaro tudo como um grande lego que me transporta a um mundo infinito de possibilidades, mas a intenção é sempre buscar a harmonia na diversidade. A arquitetura, também, influencia na escolha dos materiais e no corpo da obra. O alumínio e a lã acrílica são elementos arquitetônicos que ganham forma e cores nas obras. Esses materiais permitem transmitir leveza e, ao mesmo tempo, convidam o espectador ao toque.

**Maria Eduarda Mota: Há o interesse em começar a trabalhar com outras técnicas, como o desenho, visto que, você, também, tem grande habilidade?**

Por enquanto, não!

LIANE RODITI

**Paula Borghi: O que te levou a trabalhar com arte?**

Respiro arte desde que nasci. Na minha família há músicos, pintores, escultores e as artes sempre foram de suma importância. Danço desde os três anos de idade e a forma mais natural com que me expresso é por meio do meu corpo. Vivencio o poder de cura e transformação que a arte proporciona. Me sinto plena, inteira e realizada, podendo me dedicar e contribuir desta forma em lutas pessoais e coletivas.

**Paula Borghi: É evidente que as questões ligadas ao gênero feminino atravessam sua produção, sobretudo por você ser uma artista mulher; ser este seu lugar de fala. Você poderia nos contar como que o devir feminista impulsiona a sua criação?**

---

# GALERIA TATO

---

Mostrar que a mulher tem domínio sobre o seu corpo, seus desejos, sua voz, que ela não é um objeto, ou um ser inferior, incapaz ou frágil, são questões que atravessam minha arte. Minhas experiências pessoais e as vividas por outras mulheres me impulsionam. Sou parte desta rede que nos une pelas dores e delícias do feminino. As experiências se cruzam e ao levantar essas questões estou contribuindo para chamar atenção dos problemas que o patriarcado impõe numa sociedade machista. Os temas que exploro são sensíveis, porém os abordo de forma delicada, o que reflete minha personalidade, e essa dualidade aparece nas minhas produções.

**Maria Eduarda Mota: Quando você se despe em uma performance, você se sente mais vulnerável ou mais segura de si?**

Nem mais vulnerável e nem mais segura. Faz parte da representação. Não é a Liane que está ali, mas uma mulher, um corpo feminino, o feminino em si. Entendo que algumas performances pedem a nudez para transmitir com a devida força a mensagem que quero passar.

**MALU TIGRE**

**Paula Borghi: O que te levou a trabalhar com arte?**

A arte sempre esteve presente na minha vida. Desde criança sou tida como a "artista da família". Meu pai, um grande entusiasta do assunto, me levava às exposições e aos ateliês de artistas, além de me incentivar a desenhar/pintar. Acredito que meu interesse pelo belo me levou a trabalhar com arte. Sou formada em arquitetura, mas por muito tempo cogitei ser estilista de moda ou ortodontista, todas carreiras que lidam com a estética. Além disso, o trabalho de arte me possibilitou dar vazão a um material que vinha sendo coletado há anos, sem um propósito definido.

**Paula Borghi: Dentre as muitas possibilidades de leitura de seu trabalho, uma delas se faz possível por meio da relação entre corpo e paisagem. Como você entende esta relação? Em que lugar elas se aproximam e se distanciam? E como elas se relacionam com a colagem?**

Entendo corpo e paisagem como territórios sujeitos à passagem do tempo. Ambos são vulneráveis, podendo ser facilmente modificados, seja de forma espontânea, seja pela ação de terceiros. Estão em constante movimento e transformação. Existe uma conexão muito forte entre corpo e paisagem (natural ou construída) que apresentam cor, forma e textura. Tanto um, quanto o outro têm um lado privado (e preservado) e outro público (que fica exposto). No meu trabalho, a paisagem é resultante da linha que define o contorno desses corpos, como observado nas séries Neblinas e Desaparecidos (2020). Porém, mais do que corpo e paisagem, meu trabalho é sobre o espaço ocupado, evidenciado nas séries Corpos Ocultos (2017) e Labirintos (2021).

---

# GALERIA TATO

---

**Maria Eduarda Mota: O que te desestimula a produzir obras de maior porte?**

O formato pequeno tem um caráter intimista que muito me agrada. Minha pesquisa começa pelo contato com o material (revistas e catálogos de moda). A composição, muitas vezes, tem como suporte a página da revista, que apresenta dimensões diminutas. Mas, não me considero desestimulada a produzir obras maiores, muito pelo contrário. Estou constantemente procurando expandir meu trabalho, mas precisa ser de forma orgânica, se justificar. Não pode ser apenas para preencher um espaço.

**MARCIA CARMONA**

**Paula Borghi: O que te levou a trabalhar com arte?**

Na arquitetura sempre me interessei por interiores e gostava de intervir nas paredes das obras, fazendo texturas ou imprimindo máscaras que eu desenvolvia para ambientes comerciais. Acredito que a arte fixou quando me mudei para um apartamento com paredes muito extensas, e com o orçamento restrito, o resultado positivo me motivou a não parar mais. Fechei meu escritório em 2010 com muita vontade de crescer como artista. E esse gana a cada dia se torna mais forte em mim.

**Paula Borghi: Uma das características de sua obra que mais me chama a atenção é o meio fio que se traça entre abstração e figuração. Nas vezes em que você consegue chegar a este lugar, automaticamente somos convidados a adentrar uma imagem misteriosa. Curioso perceber que simbolicamente os livros também carregam esse mistério, esse saber a ser revelado. Como você entende esse meio fio entre abstração e figuração? O que é mistério para você?**

Minha pintura vem de uma ordem construtiva, onde vão surgindo caminhos e se ampliando. Esse meio fio entre abstração e figuração me interessa porque cria um prazer à contemplação e ao mistério, um estranhamento provocativo à percepção. Não existe nada mais íntimo e privado a um leitor que sua biblioteca. Uma estante de livros possui segredos e mistérios jamais revelados, invisíveis aos olhos, suas folhas vão desvendando a nós esses mistérios. Os mistérios são as passagens intrigantes que surgem nos caminhos.

**Maria Eduarda Mota: Por que o tema livros te interessa tanto?**

A "Série Biblioteca" surgiu de uma série minha anterior chamada "Cidades", onde os livros pareciam *Skylines* arquitetônicos. Daí vieram as experimentações, telas sendo livros de uma página só, livros-cidades que interagem através do tempo como esculturas espaciais.



---

# GALERIA TATO

---

**SAMANTHA TIUSI**

**Paula Borghi: O que te levou a trabalhar com arte?**

A arte sempre fez parte da minha vida, sempre de maneiras diversas, às vezes, através da música, às vezes, através das artes visuais. Comecei a tocar piano com 5 anos, aos 8 aulas de pintura. Me pareceu uma trajetória inevitável que em algum momento essa se tornasse minha atividade principal. Acredito que a arte me ajuda a interagir com o mundo e a ter uma forma de comunicação mais densa e real que o uso normal de linguagem.

**Paula Borghi: A complexidade tecnológica de sua produção acompanha tanto as particularidades técnicas de uma época, como a necessidade interdisciplinar das linguagens visuais, sonoras e da dança. Ao mesmo tempo, você trabalha com um material bruto e perigoso que é o vidro. Como você entende esta complexidade tecnológica em relação a materialidade do vidro? O que significa o vidro em seu trabalho?**

Quando eu era criança não existia o "*Personal Computer*", nem o celular ou outras tecnologias que são parte de nossa vida cotidiana hoje. Ao longo dos anos me pego, frequentemente, pensando a respeito de como essas tecnologias mudaram nossa vida e nossa forma de interagir com o mundo. Da mesma forma, me vejo surpresa em notar o quanto a tecnologia muda a forma de interação com minha arte. A tecnologia entrou em minhas pesquisas muito mais como uma demanda, uma necessidade de mudança e evolução, e faço essa conexão com a quebra do vidro e sua reconstrução em algo que representa a vida. A interdisciplinaridade nasce da necessidade de rever o mundo não como unidades separadas, mas sim, em sua intercessão. O mundo hoje se apresenta conectado e os limites entre disciplinas estão cada vez mais nebulosos, acredito que espelhar isso em meu trabalho é uma forma de viver o momento presente caminhando em frente e olhando para o futuro. O vidro representa algo pessoal, quase como um retorno às origens e ao resgate de algo que não se perde. Ao mesmo tempo, os dançarinos estão no limite entre essa relação de fragilidade e agressividade, na busca constante pelo equilíbrio entre essas duas forças representadas pelo vidro.

**Maria Eduarda Mota: Você sente que o lugar onde você está influencia na sua criatividade?**

Acredito que a vinda à Berlin acarretou em mudanças irreversíveis em como interajo como o mundo e na maneira de entender liberdade e experimentação. Essas mudanças internas são, diretamente, refletidas nos meus processos e na minha forma de expressão e interação do meu trabalho.

---

# GALERIA TATO

---

**SUZANA BARBOZA**

**Paula Borghi: O que te levou a trabalhar com arte?**

Desde muito cedo, eu desenho e pinto, então, pra mim, foi um caminho natural, algo que faz parte de mim. E com o passar do tempo eu comecei a sentir a necessidade de desenvolver um trabalho mais autoral e consistente, de aprender e realizar mais trocas com outros artistas, fazer algo onde eu pudesse estar contribuindo de alguma forma para a continuidade do pensamento artístico, que envolve o exercício do pensamento crítico, da liberdade e da sensibilidade, tão importante e tão raro em nossa sociedade.

**Paula Borghi: A repetição exaustiva de uma mesma forma é algo que lhe acompanha há muitos anos. O que te leva a este processo? Podemos imaginar que há uma busca pelo esgotamento de uma forma? É possível revelar algum significado inconsciente presente neste processo?**

A forma circular foi uma descoberta que surgiu no meu trabalho durante o processo da busca por uma linguagem própria dentro da própria pintura, que me deixasse à vontade para trabalhar de maneira mais livre, ao mesmo tempo, cheia de possibilidades de leituras. Na pintura, muito mais do que o tema, o que me interessa é o seu próprio feitio. Não vejo no meu caso a repetição como exaustiva, para mim, é apenas mais um elemento, tanto quanto o vazio, as cores ou a linha, também, sempre presentes nas telas. Eles me ajudam a compor, como se fossem notas numa partitura, ou palavras num poema. Cada nova tela sugere outra, e amplia o sentido, como se o conjunto fosse mais importante que cada uma sozinha. Acho que o fato de, frequentemente, surgirem formas que estão entrando ou saindo das telas, também, vem disso, de algo que não acaba em si mesmo. E um círculo é uma forma que carrega muitos significados, pode sugerir um mundo, um buraco, um ponto, ou mesmo um movimento. É, também, idealmente a forma perfeita, que quando materializada revela a impossibilidade da perfeição. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais eu acabei adotando essa forma como tema. E a sua repetição invoca tanto as semelhanças quanto as singularidades de cada uma.

**Maria Eduarda Mota: O que te leva a sempre trazer a circunferência como tema?**

Para trazer atenção para a própria pintura. Assim como as bandeirinhas do Volpi, ou as maçãs do Cézanne, eu uso as circunferências como atores para compor uma cena. O que está em jogo não é a forma circular em si, mas como ela está posta em cena.

---

# GALERIA TATO

---

**TIAGO MARCHITIELLO**

**Paula Borghi: O que te levou a trabalhar com arte?**

A minha relação com a arte é antiga, começou acompanhando o trabalho do meu avô, retratista e desenhista. Na minha infância, era comum as tardes acompanhá-lo no ateliê. Com o tempo fui entendendo um pouco o processo do trabalho. Desde cedo, liguei arte ao processo e manufatura, e desde lá venho fazendo isso. Ainda jovem, frequentei um liceu de artes e ofício e, desde então, trabalho com isso. Não sei se em algum momento eu pensei "vou trabalhar com arte".

**Paula Borghi: A matéria escura é algo que te acompanha já faz algum tempo, seja no próprio ato de desenhar no escuro, seja por meio da cor preta que habita o fundo dos seus desenhos. O que significa o escuro para você? Quais os significados conceituais e subjetivos da matéria escura em sua obra?**

Já tiveram vários significados e é justamente nessa dicotomia interior que habito hoje. Quando criança cresci em uma família católica, e o conceito do escuro foi muito ligado a antítese de Deus, luz e sabedoria. Mas, conforme passei a me aproximar da filosofia, ciência e do budismo, o escuro se transformou. Hoje, para mim, o escuro é possibilidade, onde tudo existe e ainda não foi revelado. Adoto muito, também, o prisma da ciência em que a matéria escura é a malha da existência, sendo assim, a possibilidade do escuro cristão só existe nela, mesmo assim não a aceita. Gosto desse labirinto.

**Maria Eduarda Mota: Qual o motivo da sua preferência em pintar telas de fundo preto?**

Inicialmente, foi um motivo técnico, a tela escura me proporcionava uma dificuldade maior de vê-la no escuro. Eu queria perder certos padrões artísticos viciados que tinha e trabalhar com um foco no meu gesto, no meu corpo ao executar a pintura. Nesse processo meditativo, fui descobrindo significados internos na matéria escura e criando um diálogo com isso. Hoje, essa "ausência" de luz na pintura me encanta. Acredito que de algum modo discuto a própria pintura, que historicamente é uma forma de retratar a luz sobre os objetos.

**curadoria**

**Paula Borghi**

## **VISITAÇÃO**

**27/08 a 24/09, de quinta à sábado das 12h às 18h**

**Rua Doutor Veiga Filho, 100, Higienópolis, São Paulo – SP**

**@galeriatato**

**www.galeriatato.com**